

## Conclusão

O caminho seria longo, espinhoso, mas nem por isso menos divertido e alegre. Seria preciso abandonar os saltos e buscar sapatos novos. Como seriam esses sapatos que me ensinariam a pisar novamente? Andar de um outro jeito no meio dessas letras, no mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade?

Walter Benjamin inicia o texto “Infância em Berlim por volta de 1900” assim:

“Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. Nesse caso, o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado...” (BENJAMIN, 1995, p. 73)

Perder-me no ambiente acadêmico, instruir-me nesse estado de total desamparo, foi o único modo que encontrei para conseguir realizar uma pesquisa que estava genuinamente atrelada ao meu desejo: escrever sobre a minha avó, sobre a viagem que fizemos um ano após a morte do meu avô. Como dizer em sala de aula quando todos deveriam apresentar seus projetos de pesquisa? Algo tão pueril que, talvez, só interessasse a mim mesma. Desde o princípio, eu tinha isso em mente, mas elaborava uma outra forma de anunciar, trapacear o desejo: vou pesquisar sobre velhice, nesse trabalho falo sobre memória, agora faço uma ponte com clássicos sobre morte. Nada, no entanto, me arrebatava. Eu não tinha respostas. E que angústia. Completamente perdida, eu seguia buscando o estalo do graveto, o meu ponto de partida.

E a língua? Esta insistia em se enquadrar nos padrões normativos das agências de comunicação - foram mais de dez anos atuando na área - da linguagem clara, transparente, informativa. Era difícil escrever academicamente (esse estilo existe?) sabendo do meu teclado viciado. O desejo ao pé do ouvido: “queria tanto que ninguém entendesse”. Como escrever sem responder às perguntas? Eu sigo questionando.

Eu queria descabelar essas letras, vesti-las com uma nova roupagem, outra fantasia, tipo carnaval, exceção, irreverente, onde tudo pode. Enrolar a língua, delirar com ela, buscar palavras totalmente inventadas, mas que fossem minhas. Como leva tempo para reconstruir um novo modo de se portar diante do teclado.

Aprender a escrever não seria reaprender a ser? Ainda mais quando sua vida adulta está totalmente permeada por um jeito, um modo, uma personalidade própria diante de cada letra. Atravessar essa ponte ainda parece uma tarefa impossível. Sigamos. A clareza e a objetividade não vão me abandonar, acredito. Já me conformei. A busca por uma ‘outra minha escrita’ persiste. Precisa ser minha, mas também ser outra.

Atenta de que não há caminho e que ele se faz ao andar<sup>1</sup> em uma aula sobre vanguarda – nada mais propício para quem quer se despentear – me deparei com a Caixa Verde de Marcel Duchamp. A aula não tinha nenhuma ligação com a minha possível pesquisa, mas foi exatamente ali que a caixa de viagem começou a ganhar forma. Inspirada nessa Caixa Verde, cujos textos, notas, referências, diagramas, sugerem leituras e sentidos para o enigmático Grande Vidro, iniciei alguns escritos sobre a viagem com a minha avó. Episódios que configuram aqui nessa dissertação. Reformulados, mas cuja essência permanecem. A Caixa Verde é processo, espécie de diário artístico: nada me encantou mais no primeiro semestre do mestrado. Foi o início do meu processo.

Aqui não se pretendia fazer uma revisão bibliográfica aprofundada sobre memória, escrita, caixa. Confesso que gostaria de ter lido todos os volumes de “Em Busca do Tempo Perdido” e os textos teóricos sobre o processo de criação de Proust. Ter me aprofundado nas ideias de Henri Bergson e Paul Ricouer sobre memória. Mas, caso o fizesse, a pesquisa seria outra. Por isso, a decisão de trazer Roland Barthes, Georges Didi-Huberman, Walter Benjamin, Susan Sontag e, também, Gilles Deleuze para o diálogo. Foram o meu suporte a essa escrita que se coloca em estado de criação a partir do material pesquisado. Esse era o meu alvo. Mas só descobri depois.

A orientadora dizia: “Marina, eu quero ver a sua avó nos textos, mas precisa ter o percurso da pesquisa”. Pesquisa e vó me pareciam pólos opostos de um ímã. Jamais se encontrariam. Mas segue o curso, seguem as perguntas. E no meio do caminho, o mundo se resume a avó, velhice, lembrança, rememoração, escrita, caixa, morte. É algo como magia? O mundo inteiro se transforma num material de pesquisa, em estantes de biblioteca? As perguntas, os trechos, as

---

<sup>1</sup> Parafrazeando o poema de Antonio Machado: Caminante no hay camino.

respostas, parágrafos, episódios inteiros se desenrolam até mesmo no fundo do mar, no trajeto em cima da bicicleta. É inexplicável. Mas foi assim.

Quando Barthes<sup>2</sup> escreve que analisa as fotos por sentimentos, pude falar dos pontos mais sombrios das memórias da viagem, aqueles que me emocionaram e me levaram a escrever. O *punctum*, a ferida que atravessa essas palavras, a cena do banho, o corpo da avó velha, eu mesma velha. Um *devoir*. A escrita pesava uma tonelada, mas eu precisava fazer essa passagem. E assim, eu escavava nas teclas um passado que ardia no hoje, peças soltas que criavam novos pensamentos e desenrolavam-se, desdobravam-se em imagens.

Em um dado momento, o teclado pesado começou a ficar mais leve, mais alegre, dançante. E assim surgiram as memórias em miniaturas, trechos que revelam episódios simples de rememorar e inventar pequenos instantes: a lista de chocolate quente, as calcinhas enormes da avó, um vestido decotado, o penico que se leva dentro da bolsa, a viagem de trem tão sonhada feita em sono profundo. A inspiração veio de Susan Sontag no belo ensaio sobre Walter Benjamin, “Sob o signo de Saturno”<sup>3</sup>. Nele, a autora revela a adoração do pensador alemão por objetos diminutos. A ausência de sentido em peças reduzidas de forma grotesca é um convite ao devaneio, escreve. Aceitei o convite e me coloquei em estado de sonho.

E assim a pesquisa me induzia à reflexão da escrita que rememora e me incitava cada vez mais à criação das memórias de viagem. Inventava, portanto, uma viagem nova nessas letras talhadas em madeira, dentro de uma caixa que não abre, que se abre pela a escrita.

Como seria a caixa? De qual material seria feita? Qual tamanho? Formato? O que teria dentro? Colagens, desenhos, pequenos escritos? Essas perguntas, todavia, não tinham respostas. Era preciso lidar com o ‘não saber’. As respostas surgiriam ao longo do trajeto. Paciência. A ideia do vazio interno, de uma caixa que não é possível abrir foi se revelando aos poucos. Foi sendo descoberta, elaborada, criada ao longo da pesquisa, no contato com os textos teóricos e literários.

O poema “Carrego Comigo”<sup>4</sup>, de Carlos Drummond de Andrade, lido na adolescência, ganhou um novo valor meses atrás. As caixas-valises de Duchamp com réplicas em miniatura de suas principais obras para cruzar o oceano, durante o

---

<sup>2</sup> (BARTHES 1984)

<sup>3</sup> SONTAG, 1986)

<sup>4</sup> (ANDRADE, 2002, p.120)

eclozir da guerra, me fascinaram prontamente. Uma espécie de museu de boneca, um mundo autobiográfico de criação artística em itens mínimos. As principais obras estão ali, em tamanho reduzido: ready-mades, pinturas, esculturas. Assim como as passagens de Walter Benjamin em “Infância em Berlim por volta de 1900”. Tudo isso servia de estímulo, material que me convidava a criar. Essas leituras iam abrindo o caminho para a elaboração da caixa. E que alegria desenhar no papel o desejo, saber que a medida interna da caixa seria o punho da mão que escreve. Um círculo inteiro dando a volta completa, aqueles dias de pesquisa que são cheios de descobertas entusiasmadas.

É verdade que há momentos de verdadeiros encontros - frases alheias que queriam suas. Pensamentos seus, nunca escritos, numa página qualquer. O total reconhecimento de si do lado de fora. Em seguida, a nova dúvida, a incerteza sobre como escrever a complexidade da morte. Cantar o luto, lamentar o futuro que anuncia um fim. Qual o tom? Como abordar? A busca, a pesquisa tem um movimento próprio. Um lançar-se no desconhecido, encontrar um atalho, subir na montanha-russa. Nada se apresenta linearmente, suavemente, são freiadas bruscas, alta velocidade, depois estagnação. E é preciso seguir, lidar com o medo, com a alegria das descobertas, com a angústia do não saber, não ter respostas.

Lançar-se no jogo de espalhar questões no solo, desencaixá-las, como as ruínas do edifício de que fala Beatriz Sarlo<sup>5</sup>, peças soltas que não têm a lâmina da paisagem completa, o alvo, a direção. Qual seria o real ofício da pesquisa? Seu ponto de partida? E a chegada? O trajeto está feito, é sempre incompleto.

---

<sup>5</sup> (SARLO, 2007)